

O Juquery, a arte e o museu: um estudo antropológico das produções artísticas em um hospital psiquiátrico

*Elielton Ribeiro*¹

DOI 10.20396/eha.vi14.3422

O presente artigo tem por objetivo apresentar resultados parciais de uma pesquisa, ainda em andamento, sobre o processo de abertura do Museu de Arte Osório Cesar, pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Franco da Rocha. Trata-se de uma instituição criada a partir da inserção da arte como terapia no Complexo Hospitalar do Juquery, tendo o médico e crítico de arte Osório Thaumaturgo Cesar como figura central, pela sua atuação enquanto escritor e fomentador das produções pelos internos do hospital psiquiátrico. Cesar trabalhou na criação da Escola Livre de Artes Plásticas do Juquery, entre as décadas de 1940 e 1950, organizou exposições em instituições como o Clube dos Artistas Modernos (CAM), em 1933 e o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), em 1948 e 1954, além de dedicar uma produção intelectual à análise de obras destes artistas em artigos, livros e críticas de arte.

O Juquery foi criado no final do século XIX a partir de um projeto idealizado pelo médico Francisco Franco da Rocha e projetado pelo Escritório de Arquitetura Ramos de Azevedo. A Bacia do Rio Juquery foi escolhida para a implantação do hospital psiquiátrico por estar localizada em uma área distante do centro da cidade de São Paulo². No caso de São Paulo, o Juquery passou a integrar uma política pública higienista de urbanização da cidade, para além das necessidades de políticas públicas para a saúde mental.

O hospital psiquiátrico, como foi criado, passou a cumprir as funções inicialmente estabelecidas para um asilo de “alienados” e as pessoas nestas condições passaram a ser tratadas como pacientes, em um ambiente que foi configurado para fornecer a assistência técnica considerada necessária. O século XX foi palco para discussões sobre o entendimento da classificação de pessoas como alienadas, transtornos psiquiátricos, diagnósticos e para as práticas psiquiátricas e

1 Graduando em História da Arte pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH UNIFESP), na qual desenvolve a pesquisa voluntária de iniciação científica “O Juquery, a arte e o museu: Um estudo antropológico das produções artísticas em um hospital psiquiátrico”, com orientação da professora Ilana Goldstein, pelo Departamento de História da Arte. E-mail: elielton.er@gmail.com.

2 Segundo Pizzolato (2010, p. 158-160) “as grandes instituições psiquiátricas, construídas em áreas afastadas dos centros urbanos, guardaram a imagem do paciente psiquiátrico e seu estigma longe dos olhos da sociedade por um longo tempo”.

terapêuticas. Neste sentido, para um hospital psiquiátrico, a área escolhida na bacia do rio Juquery permitiu a implantação de colônias agrícolas para a prática de trabalho como terapia, denominada de laborterapia, como estava presente no projeto elaborado por Franco da Rocha.

Ainda no início do século XX, mais precisamente em 1923, Osório Cesar ingressou no Juquery, na condição de “primeiro praticante”, o que corresponderia, no tempo presente, à residência médica³, trabalhando no Laboratório de Anatomopatologia, até ser efetivado em 1925, quando se graduou em Medicina, pela Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro - curso tinha sido iniciado na Universidade Livre de São Paulo, onde se formara em Odontologia.

Osório Cesar ingressou no Juquery com um olhar sensível para o cotidiano dos internos e passou a observar as manifestações artísticas nas dependências do hospital psiquiátrico. Em 1924⁴, publicou o artigo “A arte primitiva nos alienados: manifestação escultórica com caráter simbólico feiticista num caso de síndrome paranóide”, no qual analisou algumas obras que estavam sendo feitas por internos e passou a incentivar as produções nas dependências do hospital.

Sigmund Freud foi uma das referências citadas por Osório Cesar neste artigo e a Psicanálise foi utilizada para a leitura de obras. Osório Cesar foi um dos correspondentes de Freud no Brasil, com quem trocou três cartas, informando que Cesar enviou duas cartas em 1927 e uma em 1928⁵. O estudo das produções artísticas no Juquery foi um dos assuntos introduzidos por Cesar e elogiado por Freud.

Cesar continuou estudando as obras feitas pelos internos, publicando críticas de arte em jornais, livros como *A expressão artística nos alienados: Contribuição para o estudo dos símbolos na arte*, de 1929 e organizando exposições em instituições como o Clube dos Artistas Modernos (CAM), junto com o artista Flávio de Carvalho, em 1933 e o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), em 1948 e em 1954.

A repercussão desses trabalhos, junto com o trabalho de arte como terapia que estava sendo desenvolvido pela psiquiatra Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico Nacional, em Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, contribuíram para a criação da Escola Livre de Artes Plásticas do Juquery entre

3 MENDES, Neusa Regiane. *Osório César: conexões entre psicologia, arte e educação (1920 1950)*. São Paulo, 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) Programa de Estudos Pós Graduated em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018, p. 22.

4 Em 2007, a Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental republicou o artigo de Osório Cesar, com ortografia atualizada, informando que foi publicado originalmente em Memórias do Hospício de Juquery, v. I, n. 1, p. 111-125, em 1924.

5 MENDES, Neusa Regiane. *Osório César: conexões entre psicologia, arte e educação (1920 1950)*. São Paulo, 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) Programa de Estudos Pós Graduated em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018, p. 24.

as décadas de 1940 e 1950, que funcionou até o início dos anos 1970. Osório Cesar dirigiu a escola até 1964, quando foi obrigado a se aposentar.

O acervo formado com as produções dos artistas no Juquery culminou na criação do Museu Osório Cesar, em 1985, pela professora e arte-educadora Maria Heloisa Corrêa de Toledo Ferraz, após desenvolver uma tese de doutorado pela Universidade de São Paulo (USP) sobre a Escola Livre de Artes Plásticas do Juquery. Além disso, criou no museu um atelier de artes para que a produção dos internos pudesse ser continuada.

O Atelier de Artes representou uma segunda fase de formação do acervo do museu, até ambos serem fechados no início dos anos 2000, com uma promessa de restauro para a edificação do museu, pelo Complexo Hospitalar do Juquery. O processo de reabertura foi iniciado pela Prefeitura Municipal de Franco da Rocha em 2013, quando elaborou um projeto para restauro e reestruturação do museu, que foi contemplado por um edital do Fundo de Interesses Difusos da Secretaria de Justiça e Cidadania do Governo do Estado de São Paulo em 2014, com a assinatura de um convênio.

As obras de restauro da edificação do museu foram iniciadas em 2017, após a liberação dos recursos necessários pelo governo estadual. O valor repassado em convênio também foi destinado para outras ações, como a higienização e catalogação do acervo, fotografias de obras e formações educativas. Neste sentido, entre 2017 e 2019, a Secretaria Municipal de Cultura organizou palestras e formações culturais, com a participação de moradores da cidade e pesquisadores, sobre a produção artística no Juquery, o médico e crítico de arte Osório Cesar, o médico Franco da Rocha, o Juquery e a cidade. Estes eventos contribuíram para uma aproximação com a população local e para gerar transparência sobre o processo de reabertura do museu, além de fomentar o debate sobre qual seria a melhor forma de apresentar o acervo.

Algumas destas atividades foram acompanhadas pelo autor do presente artigo para a realização de uma etnografia, como metodologia de pesquisa, tendo em vista a ausência de bibliografia acerca de um tema tão recente e ao interesse de compreender os bastidores, os desafios e os sujeitos envolvidos no processo.

Partindo de um entendimento do museu enquanto uma instituição que preserva memórias, o perfil do Museu Osório Cesar foi uma questão levantada em vários momentos pelas pessoas presentes nas formações culturais, que resultou na criação do Museu de Arte Osório Cesar, pela lei municipal nº 1.360, de 15 de outubro de 2018, publicada no Diário Oficial da Prefeitura Municipal de Franco da Rocha. A inserção da palavra “arte” evidenciou o caráter da instituição, que passou a ser apresentada como um museu das artes produzidas pelos internos do Juquery. Esta posição tam-

bém reforça o entendimento destas produções como obras de arte. Além disso, trata-se do primeiro instrumento jurídico de criação, não ocorrendo um processo municipalização, pois o Museu Osório Cesar nunca tinha sido formalmente criado no Juquery.

O Museu de Arte Osório Cesar está localizado na antiga casa da diretoria do Juquery, que foi projetada pelo Escritório de Arquitetura Ramos de Azevedo e na qual Franco Rocha morou. Estas informações, junto com o fato de ser o primeiro e único museu da cidade e a ênfase dada ao médico e crítico de arte Osório Cesar, resultaram em entendimentos diversos sobre a missão do museu, como ser um museu histórico sobre o Juquery, um museu de cidade sobre Franco da Rocha, um museu-casa sobre o médico Franco da Rocha ou um museu-casa sobre Osório Cesar. No entanto, o processo de criação do museu deu-se por meio da formação do acervo com as produções artísticas pelos internos do Juquery, questão que se sobressaiu na definição do seu perfil e culminando na criação da instituição como Museu de Arte Osório Cesar.

O acervo do museu, com mais de oito mil obras, também foi um desafio para a curadoria da exposição de longa duração, que precisou realizar um grande recorte das obras, visto o espaço reduzido da edificação, que tinha sido criada para ser uma casa. Para isso, precisou estabelecer uma narrativa que contemplasse os períodos de produção e a diversidade de manifestações artísticas do acervo. Neste sentido, o artista Pedro Quintanilha, que mora em Franco da Rocha e conviveu com artistas do acervo do museu no período do Atelier de Arte, foi convidado para ser curador da exposição. Além dele, o antropólogo Hélio Menezes também foi convidado para ser curador da exposição, após ministrar a *Formação em Práticas Curatoriais*, que foi promovida pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Franco da Rocha em 2018.

Os curadores decidiram inserir a maior quantidade possível de artistas na exposição, partindo do entendimento que as manifestações artísticas também são registros de vidas destas pessoas que estavam no Juquery na condição de internas. Com isso, cerca de 280 obras, entre esculturas, pinturas em tela e obras em papel, foram distribuídas pelos cinco espaços expositivos (com mais uma mapoteca na recepção do museu, contendo desenhos em papel). Trata-se de uma quantidade ínfima para a dimensão do acervo, mas uma grande quantidade de obras para o espaço físico do museu. Tanto que, a reserva técnica do museu, com todas as obras do acervo, está localizada em um pavilhão do Juquery, que é maior que o prédio do museu e as salas inicialmente destinadas para as exposições de curta duração passaram a ser utilizadas pela curadoria da exposição de longa duração, dificultando a possibilidade de uma constante renovação de obras nos espaços expositivos, mas contribuindo para a construção de uma visão ampla e mais consistente sobre o acervo do



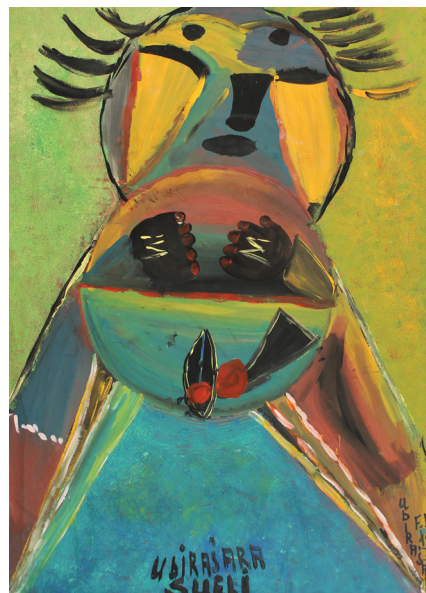
[Figura 01] Antonio Magon. Sem título. 1938.

Guache, nanquim, heliografia e grafite sobre papel. 52 x 77,5 cm. Fotografia de Gisele Ottoboni, 2017. Fonte: Museu de Arte Osório Cesar/ Prefeitura de Franco da Rocha.



[Figura 02] Maria Aparecida Dias. Sem título (inscrição: Prédio do Museu O. Cesar). 1989.

Guache e grafite sobre papel. 32,5 x 44,9 cm. Fotografia de Gisele Ottoboni, 2017. Fonte: Museu de Arte Osório Cesar/ Prefeitura de Franco da Rocha.



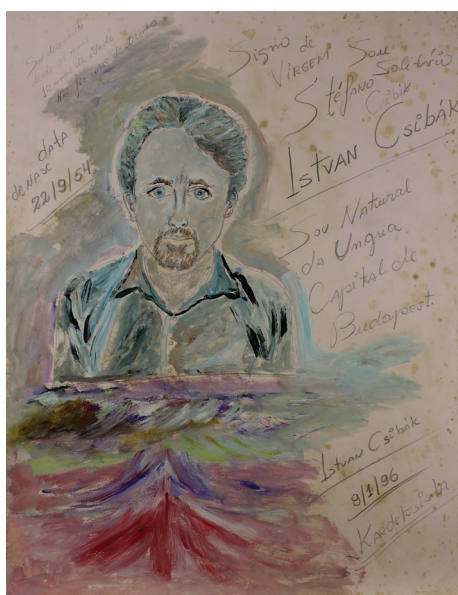
[Figura 03] Ubirajara Ferreira Braga. Sueli. 1988.

Guache sobre papel. 69,8 x 49,9 cm. Fotografia de Gisele Ottoboni, 2017. Fonte: Museu de Arte Osório Cesar/ Prefeitura de Franco da Rocha.

**[Figura 04]**

Ubirajara Ferreira Braga. *Heloiza*. Hidrocor sobre papel. 32,5 x 44,8 cm. Fotografia de Gisele Ottoboni, 2017.

Fonte: Museu de Arte Osório Cesar/ Prefeitura de Franco da Rocha.

**[Figura 05]** Istvan Csibak. *Sou Istvan Csibak*. 1996.

Guache e grafite sobre papel. 66,3 x 50,2 cm. Fotografia de Gisele Ottoboni, 2017. Fonte: Museu de Arte Osório Cesar/ Prefeitura de Franco da Rocha.

**[Figura 06]** Aurora Cursino dos Santos. *Dr. Mario Yan*. Sem data.

Óleo sobre papel. 50 x 40 cm. Fotografia de Gisele Ottoboni, 2017. Fonte: Museu de Arte Osório Cesar/ Prefeitura de Franco da Rocha.

**[Figura 07]** Tarsila do Amaral. *Osório Thaumaturgo Cesar*. Sem data.

Molde de cerâmica perdida. 19,5 x 13 x 15,5 cm. Fotografia de Gisele Ottoboni, 2017. Fonte: Museu de Arte Osório Cesar/ Prefeitura de Franco da Rocha.

**[Figura 08]** Autoria desconhecida. *Busto de Dr. Francisco Franco da Rocha*. Sem data.

Cerâmica. 36,5 x 31 x 19 cm. Fotografia de Gisele Ottoboni, 2017. Fonte: Museu de Arte Osório Cesar/ Prefeitura de Franco da Rocha.

museu na exposição de longa duração. Em relação a isso, a curadoria tem trabalhado com temáticas que possibilitam a substituição de obras, para que outras possam ser mostradas ao público, sem prejudicar a narrativa da exposição.

Os registros realizados pela fotógrafa Alice Brill, em 1950, na Seção de Artes Plásticas do Juquery, sob a direção do médico Mário Yahn, antes de ser transformada em Escola Livre de Artes Plásticas do Juquery, na década de 1950, por Osório Cesar, foram importantes referências para a curadoria da exposição de longa duração do Museu de Arte Osório Cesar. Na época, a artista Maria Leontina foi uma mediadora das atividades para as criações artísticas e organizava as obras para serem expostas nas paredes do atelier, como podem ser vistas nas fotografias de Alice Brill, pertencentes ao acervo do Instituto Moreira Salles (IMS). Esta estética da acumulação foi utilizada pela curadoria da exposição, procurando usufruir da maior quantidade possível de espaços para as obras de artistas que produziram no Juquery, em um diálogo com uma arquiteta contratada pela prefeitura para o projeto de expografia e a equipe responsável pelo restauro da arquitetura do museu. Assim, o processo de definição de conceitos da curadoria partiu das próprias obras, como elas se apresentam ou podem ser apresentadas.

A leitura de obras também foi um tema presente nos eventos organizados pela Secretaria Municipal de Cultura, entre 2017 e 2019, para uma reflexão sobre o acervo do museu e se fez presente na *Formação em Práticas Curatoriais*, em 2018, que foi mencionada anteriormente. Há obras sobre o hospital psiquiátrico, representações de pavilhões do Juquery, representações do prédio do museu em sua parte exterior e representações de detalhes da parte interior, como janelas ou bancadas. Em relação às pessoas, há representações de médicos como Franco da Rocha, Osório Cesar e Mário Yahn, da professora e arte-educadora Maria Heloísa Corrêa de Toledo Ferraz, da Sueli Donola, funcionária do Juquery que trabalhou durante anos no museu, com o acervo e em diálogo com os artistas que produziram no Atelier de Arte, entre outras representações, como um quadro sobre o Sigmund Freud, reproduções de estudos de anatomia, obras sobre gênero e sexualidade e obras sobre religiões como o budismo e o cristianismo. Estes temas estão sendo trabalhados pela curadoria nas salas do museu, que optou por introduzir todas as temáticas por meio das obras do acervo, não recorrendo a fotografias ou textos na distribuição de obras pelas paredes da exposição.

As temáticas citadas, que foram possíveis de serem estabelecidas a partir das obras, deixaram evidente a existência de referências nas criações artísticas, sejam elas da História da Arte ou de outros campos do conhecimento, como a Medicina, entrando em contradição com terminologias utilizadas durante o século XX para classificar as produções artísticas em hospitais psiquiátricos,

como “arte primitiva” e “arte dos alienados” para Osório Cesar⁶; “arte bruta” para Jean Dubuffet⁷; “imagens do inconsciente” para Nise da Silveira⁸; “arte virgem” para Mário Pedrosa⁹ e “arte incomum” para Walter Zanini¹⁰. Esses termos ganharam significados próximos, embora não idênticos, mas que contribuíram para a criação de estigmas sobre estas produções, ao tratá-las como criações ingênuas, espontâneas e/ou instintivas.

O Museu de Arte Osório Cesar não está utilizando adjetivos para classificar as produções artísticas pelos internos do Juquery, questão compartilhada com a curadoria da exposição de longa duração, que apenas enfatizou o entendimento das produções como obras de arte. No entanto, a limitação de informações sobre as obras e os artistas tem sido um problema recorrente para a equipe do museu e para os curadores no processo de pesquisa da exposição. A constante associação das obras com os artistas, que foram internos do hospital psiquiátrico, pode representar um problema no sentido de estigmatizar as criações artísticas. Mas, o inverso também pode ser problemático, por ignorar o contexto de produção das obras com uma análise puramente estética das construções visuais. Por isso, torna-se importante uma leitura social das obras, levando em consideração a história de vida de cada artista. Todavia, poucas informações sobre os artistas estão disponíveis em domínio público e que podem ser trabalhadas na exposição do museu, visto que, antes de serem compreendidos como artistas, eles eram internos de um hospital psiquiátrico, que coletava dados pessoais para estudos na instituição médica, adentrando o campo das informações sigilosas. Desse modo, a discussão se situa na interface entre a saúde e a arte.

A participação direta nos debates preparatórios para a abertura do Museu de Arte Osório Cesar tem permitido entender a complexidade dos processos necessários. Em uma pesquisa sobre uma instituição cultural, só a pesquisa bibliográfica ou só a observação direta em campo não seria suficiente. A combinação entre as duas metodologias tem se mostrado frutífera por unir reflexões já realizadas anteriormente, registros de memórias com processos em andamento e discussões que só podem ser compreendidas com a participação presencial do pesquisador. No presente artigo, foram apresentadas algumas particularidades desta instituição situada entre a saúde e a arte e que

6 CESAR, Osório. *A arte primitiva nos alienados* (1924): manifestação escultórica com caráter simbólico feiticista num caso de síndrome paranóide. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. 10, n. 1, p. 118-130, 2007. Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. São Paulo, Brasil.

7 ANDRIOLO, Arley. *O horizonte histórico na arte incomum*. *Revista Nupeart*, Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), v. 3, p. 11-32, 2004.

8 Idem.

9 Idem.

10 Idem.

está sendo passada de uma esfera estadual do poder público para a instância municipal, com a qual possui muitas relações e possibilita reflexões entre arte e sociedade. Trata-se do primeiro e único museu de Franco da Rocha, com a coragem de discutir abertamente como expor e como denominar as produções artísticas por internos do Juquery, fomentar debates para a definição do perfil do museu, fornecer formações culturais e educativas e abrir concurso público para a contratação de equipe técnica para a instituição museológica¹¹. Isso vai à contramão do que se assiste atualmente em termos de políticas públicas para a cultura no Brasil.

Referências Bibliográficas

- ANDRIOLO, Arley. *O horizonte histórico na arte incomum*. Revista Nupeart, Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), v. 3, p. 11-32, 2004.
- CARVALHO, Rosa Cristina Maria de. *A formação do pensamento estético de Osório Cesar: estudo dos textos sobre arte e cultura escritos no período de 1920 a 1960*. 2016. Campinas, 2016. 411 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- CESAR, Osório. *A arte primitiva nos alienados (1924): manifestação escultórica com caráter simbólico feiticista num caso de síndrome paranóide*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. 10, n. 1, p. 118-130, 2007. Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. São Paulo, Brasil.
- FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. *Arte e Loucura: Limites do Imprevisível*. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.
- FRANCO DA ROCHA. *Criação do Museu de Arte Osório Cesar*. Lei Municipal nº 1.360, de 15 de outubro de 2018. Prefeitura Municipal de Franco da Rocha. Franco da Rocha, 2018. Disponível em: <http://www.francodarocha.sp.gov.br/franco/servico/lei/7883>. Acesso em: 09 dez. 2019.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Etnografia como Prática e Experiência*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.
- MENDES, Neusa Regiane. *Osório César: conexões entre psicologia, arte e educação (1920 1950)*. São Paulo, 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) Programa de Estudos Pós Graduated em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.
- PEDROSA, Adriano. *Histórias da loucura: desenhos do Juquery*. Histórias da loucura: desenhos do Juquery. Adriano Pedrosa e Luiza Proença (curadoria e organização do catálogo). São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), 2015, p. 3-5.
- PIZZOLATO, Pier Paolo Bertuzzi. *Questões sobre o plano diretor para o complexo hospitalar do Juquery*. Cadernos de História da Ciência, Instituto Butantan, São Paulo, vol. V (1), p. 157-178, jan./jul. 2010.

11 Em 2018, o autor do presente artigo foi convocado pelo concurso público nº 001/2018, enquanto técnico em Museologia, para assumir a vaga de Técnico de Museu, criada pela Prefeitura Municipal de Franco da Rocha, por meio da Secretaria de Cultura, para atuar no Museu de Arte Osório Cesar. No mesmo edital foi incluída a vaga de Museólogo (a), convocando uma profissional posteriormente. A museóloga Michelle Louise Guimarães assumiu a vaga em 2019.